

Neste presente número, o nosso terceiro em 2023, a Revista Perspectiva Filosófica, do PPGFIL/UFPE, conta com o trabalho qualificado de Mario Porta e Evandro de Brito como editores convidados. O volume oferece, para seus leitores e leitoras, 21 contribuições de pesquisadores e pesquisadoras, seguidas de uma importante tradução. Todos os trabalhos investigam as origens da filosofia contemporânea.

O número vem, pois, desafiar o dogma de um cisma intransponível entre a tradição fenomenológica e analítica que infelizmente ainda é pressuposta e pouco refletida em muitos projetos de pesquisa. A intrincada distinção entre filosofia analítica e continental que animou muitas das discussões no último século está gradualmente perdendo sua centralidade e relevância. Hoje, parece se remeter a mais uma divisão ideológica e institucional que a um problema filosófico genuíno. Além disso, esse enfraquecimento pode ser um sinal para que possamos levantar suspeitas a respeito da própria origem da divisão entre analíticos e continentais. Ela certamente não está relacionada, de modo algum, com questões de geografia. Rigor conceitual, método argumentativo, e discussões pautadas pela natureza da lógica, podem ser características das duas tradições. Além disso, a meu ver, a distinção entre analíticos e continentais não é nem suficiente e nem necessária para o filosofar e não representa critério nem exaustivo e nem exclusivo para o que deve importar na filosofia e para o que significa se engajar seriamente com discussões filosóficas.

Há uma certa dose de arbitrariedade na distinção e esta seguiu uma crescente especialização do trabalho filosófico em muitas subáreas muito nuançadas de pesquisa. Estes programas de pesquisa motivaram, infelizmente, muito dissenso, desconfiança mútua e barreiras institucionais e acadêmicas para o desenvolvimento de preocupações e problemas comuns entre filósofos praticantes das duas tradições. Há inclusive ataques de grande virulência documentados na história deste embate no século XX. Estes fatos limitaram, acredito, significativamente, em muitos casos, o alcance e seminalidade de alguns debates filosóficos.

Isto pode e deve ser mudado. O número organizado por Porta e Brito é uma importante contribuição para este debate.

O número oferece e encoraja interações importantes. Encontramos temas tão variados como ricos nestas contribuições, a saber: antipsicologismo, intencionalidade, consciência, inconsciente, representacionismo, linguagem, cognição, lógica, matemática, hermenêutica, existencialismo, Gestalt, historicidade e facticidade. E autores distintos e influentes, desde Husserl e Frege, passando por Dilthey, Heidegger e Gödel, chegando a Nussbaum e Brandom.

E ainda temos mais duas contribuições neste mesmo número, um artigo original, escrito por Mônica Franco, no fluxo contínuo, sobre a filosofia de Susan Haack, e uma entrevista inspiradora do Mestre Pedro Correia, organizada por Federico Sanguineti.

Agradeço mais uma vez ao importante trabalho feito nos bastidores da Perspectiva dos seus secretários Mateus Alves, Albérico Sial e Mayk Silva.

A equipe editorial da Revista Perspectiva Filosófica deseja uma excelente leitura para todas e todos!

10/12/2023

Marcos Silva

Editor Chefe



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

A filosofia contemporânea tem sido caracterizada pela cisma entre filósofos “*analíticos*” e “*continentais*”. Contudo, as últimas décadas têm mostrado sinais de aproximação entre essas tradições. Tal situação tem motivado um crescente interesse pelo estudo da filosofia da segunda metade do século XIX e do início do XX. O resultado de tais esforços têm sido a delimitação de uma esfera de pesquisa que, sob o título “*Origens da Filosofia Contemporânea*”, começa a reestudar um importante capítulo da história da filosofia recente, deixado no ostracismo em consequência da ruptura mencionada acima.

Identificar o nascimento da filosofia contemporânea implica rever criticamente ideias largamente difundidas no início da filosofia analítica e da fenomenologia. Em ambos os casos, a historiografia rigorosa tem sido substituída por “*mitos de criação*” que, embora relevantes para determinar a identidade que cada uma das correntes atribui a si mesma, ignoram uma teia de complexas relações sistemáticas e históricas.

Hoje, já não se pode mais ignorar a variedade de temas e problemas envolvidos na gestação das duas correntes e ainda assim apresentar, numa narrativa linear, uma história complexa, pluridimensional e ainda não suficientemente conhecida. Embora, desde a década de 1950, vários autores tenham buscado resgatar as afinidades existentes entre as motivações de Frege e as de Husserl, ainda é uma necessidade compreender como essas motivações levaram à construção daquilo que é a filosofia contemporânea. A revisão de tais abordagens simplistas exige uma releitura de toda a filosofia do século XIX, propondo-se uma história da filosofia propriamente historiográfica e propriamente filosófica, em contraposição a uma visão romanticamente idealizada.

Este é o escopo do número especial sobre as “*Origens da filosofia contemporânea*”, aqui publicado pela “*Revista Perspectiva Filosófica*”, o qual reúne vinte e um trabalhos e uma tradução resultantes das recentes investigações realizadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Trata-se, deste modo, de mais uma contribuição científica coletiva, a qual se ocupa de

estudar e estabelecer as relações entre filosofia analítica e filosofia fenomenológico-hermenêutica, no processo de sua formação, sobre a perspectiva do estabelecimento das suas raízes comuns, assim como do momento de seu isolamento recíproco.

O trabalho intitulado “*Validad (Geltung) y evaluación: Sobre el lugar de Lotze en el Psychologismusstreit*”, escrito por Mario Ariel González Porta, abre este número especial sobre os estudos acerca das *Origens da filosofia contemporânea*. Porta assume que de Herbart a Husserl há uma evolução do anti-psicologismo ocupada em oferecer uma concepção de subjetividade. Em função desse pressuposto, sua análise sustenta que Lotze possui lugar um intermediário neste processo, na medida em que, por um lado, contra Herbart, dá um passo decisivo para a superação da ideia naturalista da subjetividade e, por outro lado, porém, mantém com Herbart a validade irrestrita do princípio da imanência, princípio que será objeto da crítica expressa de Frege e Husserl. Esse lugar ocupado por Lotze nesse processo evolutivo é indicado, portanto, a partir de uma hipótese original, pois com Husserl, como é sabido, a superação definitiva do psicologismo se consuma como a superação definitiva do naturalismo.

O segundo trabalho, escrito por Evandro O. Brito e intitulado “*Jaegwon Kim e a herança brentaniana na filosofia analítica da mente: considerações sobre o representacionalismo*”, analisa a interpretação da tese brentaniana da *intencionalidade*, tal como apresentada por Jaegwon Kim, em seu livro *Philosophy of mind* (2011/2019). Brito afirma que Brentano teria bons argumentos para refutar a interpretação de Kim, pois ao menos um pressuposto fundamental é tomado em sentido equivocado. A hipótese de Brito sustenta que Kim incorre na cilada da multiplicidade de sentidos do termo *Vorstellung* e, por isso, apresenta uma análise equivocada da tese brentaniana da *intencionalidade* sustentada no representacionalismo, a qual impede a compreensão da definição do conceito brentaniano de fenômeno (físico e psíquico) nos termos da sua 4ª *tese de Habilitação*.

O terceiro trabalho, escrito por Tárík Athayde Prata e intitulado “*Franz Brentano’s rejection of unconscious mental phenomena: the argument of functional relation*”, aborda o terceiro entre os quatro argumentos apresentados por Brentano, na obra “*Psicologia a partir de um ponto de vis-*

ta empírico”, contra a existência de fenômenos mentais inconscientes, a saber, sua réplica à alegação de que alguns fenômenos mentais são muito fracos para serem conscientes. Após uma breve discussão sobre a noção de inconsciente em Brentano e uma visão geral de seus quatro argumentos contra a existência de fenômenos mentais inconscientes, Prata analisa o terceiro argumento tomando por base uma – alegada – relação funcional entre (a) nossa consciência de nossos próprios fenômenos mentais e (b) a intensidade deles. Prata conclui que o argumento não é convincente porque faz uma inferência questionável a partir de (A) como os nossos próprios fenômenos mentais aparecem para nós em nossas experiências conscientes para (B) o que esses fenômenos realmente são. Em função disso, ele sustenta que a concepção de consciência de Brentano já contém os fundamentos da perspectiva que ele quer recusar.

O quarto trabalho, escrito por Federico Boccaccini e intitulado “*Language and cognition in Brentano*”, tem como principal objetivo oferecer orientação sobre a questão do papel que a linguagem desempenha na teoria da cognição e da intencionalidade no pensamento de Franz Brentano. Parte-se do fato de que os principais intérpretes e estudiosos de Brentano presumiram que a linguagem não desempenhava nenhum papel fundamental, pois para ele a fala é apenas um sinal do pensamento. No entanto, sustenta Boccaccini, Brentano sempre mostra em seu trabalho um foco na análise de termos e conceitos usados na linguagem. Além disso, em suas palestras sobre lógica, uma parte importante é dedicada à teoria dos nomes de Stuart Mill. Para modificar, portanto, a ideia de que a linguagem não desempenha nenhum papel na cognição na filosofia de Brentano, este trabalho mostra que a relação entre nomear, significar e pensar é, para Brentano, uma relação contínua, pois os três termos estão sempre conectados. O conceito central é o da *apresentação simbólica* e seu papel na cognição empírica. O artigo reconstrói parcialmente a questão do conhecimento simbólico e estabelece a diferença entre a teoria do conteúdo da *apresentação* de Brentano e a de Twardowski.

O quinto trabalho, escrito por Luis Niel e intitulado “*La fenomenología del tiempo: de la intencionalidad de acto a la intencionalidad del flujo absoluto*”, centra-se na fenomenologia do tempo de Husserl, como forma de abordar os conceitos de fluxo absoluto de consciência e a sua intencionali-

dade "*peculiar*", nomeadamente a intencionalidade do fluxo. Em primeiro lugar, como introdução ao tema principal, Niel analisa brevemente a noção de ato-intencionalidade, ou seja, a intencionalidade dos atos, tal como apresentada por Husserl nas suas "*Investigações Lógicas*"; isto permite a ele comparar e contrastar o seu significado conceitual com o da intencionalidade do fluxo. Em segundo lugar, Niel introduz alguns conceitos-chave e algumas questões da fenomenologia do tempo, necessárias para a compreensão geral do tópico principal. Finalmente, depois de apresentar a distinção entre níveis de constituição, Niel concentra-se no mais básico e fundamental, nomeadamente, o nível do fluxo absoluto, o qual é descrito pormenorizadamente com o propósito de explicar o significado desta "*outra*" e peculiar intencionalidade: a intencionalidade do fluxo, também chamada intencionalidade-fluxo.

O sexto trabalho, escrito por Scheila Cristiane Thomé e intitulado "*A ampliação do conceito de intencionalidade: a intencionalidade de fluxo (Stromintentionalität) na Fenomenologia de Husserl*", analisa o que conduziu Husserl a ampliar o seu primeiro modelo de intencionalidade, o modelo apreensão-conteúdo de apreensão (modelo da intencionalidade de ato), exposto inicialmente em "*Investigações lógicas*". Thomé mostra que o conceito de intencionalidade de fluxo (*Stromintentionalität*) amplia o próprio conceito de intencionalidade, inicialmente compreendido apenas como intencionalidade de ato. Ela mostra também que esta ampliação do conceito de intencionalidade implica em uma mudança de descrição fenomenológica da consciência, de uma análise estática à uma análise genética da consciência. Com isso, Thomé traz uma contribuição à discussão feita por intérpretes de Husserl quanto ao abandono do modelo de constituição apreensão-conteúdo de apreensão e sua posição defende que Husserl abandona tal modelo intencional apenas para descrever as camadas mais profundas da constituição intencional, mas ainda utiliza tal modelo de intencionalidade de ato para descrever as camadas superficiais da constituição intencional (operadas por atos como recordação e expectativa).

O sétimo trabalho, escrito por Carlos Diógenes Côrtes Tourinho e intitulado "*Eliminação e descentralização da consciência nas origens do pensamento contemporâneo*", tem como objetivo mostrar como a noção de

“consciência” sofreu dois abalos significativos nas origens do pensamento contemporâneo. O primeiro deles acontece a partir de uma interface da psicologia do comportamento com a biologia evolucionista, resultando em um processo gradativo de eliminação da consciência nas pesquisas psicológicas. Já o segundo surge com o advento da psicanálise e a formulação da hipótese segundo a qual a origem da dinâmica psíquica estaria no sistema inconsciente, resultando em uma descentralização da consciência.

O oitavo trabalho, escrito por Vanessa Furtado Fontana e intitulado “*Husserl e a tradição fenomenológica*” faz uma breve análise histórica da influência de alguns conceitos apresentados na fenomenologia de Husserl, bem como se deu desenvolvimento de tais conceitos na filosofia de seus herdeiros. Fontana aborda, primeiramente, os conceitos de intencionalidade, idealismo e a redução fenomenológica de Husserl e, subsequentemente, analisa o modo como esses conceitos foram trabalhados e criticados por alguns filósofos da tradição fenomenológica, em especial, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger.

O nono trabalho, escrito por Flávio Vieira Curvello e intitulado “*Comentário à Preleção Sobre a Fundamentação Psicológica da Lógica [1900]*”, consiste em um comentário à preleção de Husserl de 1900, “*Sobre a Fundamentação Psicológica da Lógica*”, que nos oferece uma breve síntese da crítica ao psicologismo nos “*Prolegomena zur reinen Logik*”. Curvello acompanha passo a passo o resumo que Husserl faz de sua crítica para analisá-lo de modo sistemático, explicitando as relações entre as sumárias linhas da preleção e a argumentação robusta dos “*Prolegomena*”.

O décimo trabalho, escrito por Eder Soares Santos e Yuri José Victor Madalosso, intitulado “*Filosofia como ciência em Husserl e Heidegger - método, ciência e humanidade*” elucida o conceito de filosofia como ciência em Heidegger e Husserl, seus desdobramentos polêmicos e a contraposição entre os filósofos. Especificamente, os autores explicitam a concepção husserliana de filosofia científica, suas influências e limites teóricos e metodológicos. Além disso, eles apresentam, como contraponto, as posições de Heidegger e seu afastamento à concepção da filosofia enquanto ciência, mostrando também quais são suas críticas e propostas para uma ciência do homem.

O décimo primeiro trabalho, escrito por Roberto Kahlmeyer-Mertens e intitulado “*Indicação de **nosso ser-aí mais próprio**, tarefa de ontologia: hermenêutica da facticidade*”, apresenta os termos do projeto filosófico da hermenêutica da facticidade de Heidegger e, para tanto, se aproxima dos contextos da preleção friburguense do semestre de verão de 1923. Em “*Ontologia: Hermenêutica da facticidade*”, sustenta o autor, o filósofo empreende uma investigação que lança um olhar compreensivo sobre a própria compreensão do ser-aí nos contextos de sua facticidade. Para apresentar com clareza esse passo, Kahlmeyer-Mertens caracteriza o conceito de facticidade ao lado de outros relacionados: fático e vida fática. Em seguida, ele apresenta a tarefa de uma hermenêutica fenomenológica da facticidade em indicar nosso ser-aí mais próprio, o que conferiria transparência ao caráter ontológico desse ente. Finalmente, um contraponto à antropologia filosófica, e a sua metafísica do humano, é ainda esboçado como contraponto à filosofia de Heidegger.

O décimo segundo trabalho, escrito por Claudinei Aparecido de Freitas da Silva e intitulado “*A dobra carnal do logos: Merleau-Ponty e o prodígio da linguagem*” estrutura-se a partir de três momentos constitutivos. O primeiro recobre, a partir da tradição metafísica no ocidente, o caráter marginal da linguagem. Essa posição, nada cômoda, parte de uma rígida cisão entre o pensar e o falar. O segundo momento, partindo da crítica fenomenológica de Merleau-Ponty, busca explorar o quanto o pensamento e a linguagem se interagem num único movimento. O terceiro momento aprofunda, a partir dessa coesão íntima, a dimensão mais propriamente ontológica da linguagem deflagrada numa dialética do dizível e do indizível como expressão de uma dobra carnal do logos como prodígio singular.

O décimo terceiro trabalho, escrito por Brenda Cardoso Soares e intitulado “*Notas sobre a origem do debate acerca da expressão em Merleau-Ponty*”, tem o objetivo de explicitar o contexto em que surge o debate sobre a expressão (*Ausdruck*) presente na “*Fenomenologia da Percepção*” de Maurice Merleau-Ponty. Não se trata apresentar o debate acerca dessa noção dentro dessa obra, mas de esclarecer sua origem na fenomenologia e seu diálogo com outros filósofos. Para isso, Soares divide sua proposta em quatro partes: primeiramente ela apresenta o modo como Husserl, em “*Investiga-*

ções Lógicas”, inaugura esse termo na fenomenologia, posteriormente ela descreve o modo como Gurwitsch retoma e ressignifica a expressão na fenomenologia husserliana utilizando a *Teoria Gestalt*. No terceiro passo, Soares aborda o possível paralelo entre a expressão e a noção de “*pregnância simbólica*” (*symbolische Prägnanz*) de Cassirer e, por último, ela inicia uma descrição da proposta em Merleau-Ponty.

O décimo quarto trabalho, escrito por Celso R. Braida e intitulado “*Dilthey, historicidade e pluralidade*” propõe que as teses de Dilthey sobre a especificidade das ciências humanas permanecem fazendo efeitos e orientando as questões metodológicas. Braida considera que, se o viés epistemológico, sobretudo nos aspectos historicistas e psicológicos, já não é aceitável, nem por isso a distinção entre explicar relações causais e materiais e compreender relações semânticas e sociais foi eliminada. Pelo contrário, a historicidade e a artefactualidade do ambiente humano, na sua pluralidade e diversidade, se impõe como fundamento incontornável. Braida sustenta, assim que embora se tenha avançado na naturalização do humano, os conceitos e princípios básicos das ciências humanas ainda são subsumidos nas categorias de sentido, significado, intencionalidade e propósito, as quais pressupõem a aplicação do conceito de agentes interativos e não de objetos passivos.

O décimo quinto trabalho, escrito por Lúcio Lourenço Prado e intitulado “*Stuart Mill e o idealismo semântico de Hobbes e Locke*”, aborda a crítica de J. S Mill, no início *System of Logic*, ao idealismo semântico que caracterizou a teoria da linguagem da modernidade anglo-saxônica, a saber, a tese de que a referência imediata das palavras são as ideias e não as coisas mesmas. Prado considera que embora, em linhas gerais, as semânticas de Hobbes e Locke convirjam, na medida em que defendem que o significado das palavras são entidades mentais, elas divergem em pontos importantes: a semântica de Hobbes é *inferencial* ao passo que a de Locke é *referencial*. Assim, Prado propõe que Mill, em sua crítica, tomará o texto de Hobbes como alvo e contra ele dirige seus argumentos. Duas questões então se colocam: 1) por que Mill, em sua crítica ao idealismo semântico, dirigiu-se ao “*De Corpore*” do Hobbes e não ao Livro III dos “*Ensaio acerca do entendimento humano*” de Locke, obra posterior e consideravelmente mais elabo-

rada, ao menos no que tange à semântica idealista? 2) Seria o argumento de Mill capaz de refutar de forma igualmente eficaz a semântica referencial de Locke? Definido o problema e o debate, Prado defende que a resposta à segunda questão é negativa e, como consequência, sugere uma resposta possível, e natural dentro do contexto, para a primeira questão.

O décimo sexto trabalho, escrito por Alessandro Bandeira Duarte e intitulado *Sobre a prova de que todo número natural tem um sucessor em “Die Grundlagen der Arithmetik”, §§82-3*, apresenta uma derivação alternativa dentro da Aritmética de Frege do teorema 149 de “*Grundgesetze der Arithmetik*“, que desempenha um papel central na prova do teorema que afirma que todo número natural tem um sucessor. Em “*Grundgesetze*“, a derivação desse teorema depende do teorema IVa, cujo análogo na Aritmética de Frege (IVa*) é independente dos axiomas do sistema. Assim, Duarte mostra que o uso de IVa em “*Grundgesetze*“ não é essencial e, portanto, que (IVa*) não é necessário para a derivação do teorema 149 dentro da Aritmética de Frege.

O décimo sétimo trabalho, escrito por Stefano Domingues Stival e intitulado “*Knowledge and Self-Knowledge: Externalism versus Internalism*” é gerado pela contraposição (num sentido amplo) entre dois conceitos, os quais Stival chama “*concepção externalista de conhecimento*”, de um lado, e “*concepção internalista de conhecimento*” (como um tipo de psicologismo evidencialista), de outro. Por meio deste contraste, o autor busca alcançar alguns novos insights sobre a relação entre as noções de “*conhecimento*” e “*auto-conhecimento*”.

O décimo oitavo trabalho, escrito por Bismarck Bório de Medeiros e intitulado “*O desenvolvimento dos instrumentos e conceitos lógico-matemáticos do Primeiro Teorema da Incompletude de Kurt Gödel*” busca elucidar as investigações e avanços na Matemática e na Lógica associadas às concepções filosóficas que culminaram no primeiro teorema da incompletude de Kurt Gödel. Para isso, Medeiros realiza uma abordagem histórica e conceitual da matemática da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, indicando elementos e instrumentos matemáticos desenvolvidos para solução de problemas, assim como pressupostos e compromissos filosóficos que acompanharam as atividades voltadas à formalização

e fundamentação da lógica matemática contemporânea que auxiliaram Gödel a elaborar sua demonstração e esclarecer as limitações de sistemas formais com o mínimo de aritmética. Desta maneira, o autor trata de explicitar como, a partir do estabelecimento das geometrias não-euclidianas e da teoria de conjuntos, os problemas culminaram em diferentes linhas de pesquisa voltadas aos fundamentos da matemática, como o descobrimento de paradoxos e a controversa noção do infinito demandaram métodos finitários e recursivos e, ainda, como instrumentos criados para demonstrações matemáticas neste período auxiliaram no surgimento da metamatemática até a prova de Gödel. Ao final, Medeiros apresenta uma síntese geral e reflexão sobre este empreendimento intelectual no progresso da própria investigação matemática.

O décimo nono trabalho, escrito por Daniel Ramos dos Santos e intitulado “*O debate sobre asserção: uma apresentação introdutória*” tem como objetivo fazer uma apresentação introdutória do debate sobre asserção. Para tanto, em um primeiro momento, Santos realiza uma breve visita às clássicas teorias dos atos de fala, mostrando a asserção como um tipo de ato de fala. Em seguida, ele mostra as variadas tentativas, em filosofia da linguagem e epistemologia, de encontrar os elementos definidores da asserção e as quatro teorias mais destacadas sobre asserção.

O vigésimo trabalho, escrito por Charles Feldhaus e Daniela Hruschka Bahdu, intitulado “*Assédio moral em Martha Nussbaum à luz da concepção de dignidade neoaristotélica*”, propõe mostrar de que maneira o tema do assédio moral poderia ser tratado no pensamento da filósofa norte-americana Martha Nussbaum a partir dos seguintes aspectos: 1) com base na teoria das capacidades, ressaltado que tipos de capacidades estariam envolvidas nos atos de assédio moral; 2) com base na teoria da objetificação da pensadora, mostrando que tipos de tratamento como um mero objeto estão envolvidos na prática de atos de assédio moral; 3) com base na economia das emoções da pensadora apontando alguns tipos de estratégias que poderiam ser empregadas para enfrentar a prática de atos de assédio moral. 4) com base num conceito ampliado de dignidade.

O vigésimo primeiro trabalho, escrito por Patrícia Riffel de Almeida, intitulado “*Realismo conceitual e a leitura de Brandom da filosofia hegeliana*”

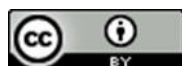
na”, sustenta que em “*A Spirit of Trust*” (2019), Robert Brandom endossa e atribui a Hegel um realismo conceitual segundo o qual a própria realidade é conceitualmente estruturada, independentemente de nossas práticas. Este realismo, baseado em relações de incompatibilidade modal material, fundamentaria, por sua vez, as condições transcendentais de possibilidade de normas conceituais com conteúdo determinado. Sob esta interpretação, o texto expõe os principais elementos da leitura de Brandom do realismo conceitual hegeliano e, em seguida, procura analisá-la por meio de considerações acerca do uso dos termos “*realismo*” e “*idealismo*” na filosofia hegeliana, da sua comparação a outras posições semelhantes na literatura sobre Hegel, tais como as de R. Stern e K. Westphal, e da apresentação de algumas críticas à leitura de Brandom, especialmente a de W. Wolf.

O último trabalho consiste na tradução realizada por Flávio Curvello da preleção de Edmund Husserl intitulada “*Sobre a Fundamentação Psicológica da Lógica*”. Sustentada no dia 2 de maio de 1900, durante o semestre de verão, na Universidade de Halle, ela consiste em uma apresentação sumária do conteúdo do primeiro volume das “*Logische Untersuchungen*, os *Prolegomena zur reinen Logik*”, apresentando as linhas gerais da crítica husserliana ao psicologismo.

Mário Ariel Gonzales Porta
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Evandro Oliveira de Brito
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

Editores Convidados



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

SUMÁRIO

ORIGENS DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Validad (Geltung) y evaluación - Sobre el lugar de Lotze en el Psychologismusstreit	1
--	----------

Mario Ariel Gonzales Porta

Jaegwon Kim e a herança brentaniana na filosofia analítica da mente: considerações sobre o representacionalismo	16
--	-----------

Evandro O. Brito

Franz Brentano's rejection of unconscious mental phenomena: the argument of functional relation	53
--	-----------

Tárik Athayde Prata

Language and cognition in Brentano	74
---	-----------

Federico Boccaccini

La fenomenología del tiempo: de la intencionalidad de acto a la intencionalidad del flujo absoluto	96
---	-----------

Luis Niel

A ampliação do conceito de intencionalidade: a intencionalidade de fluxo (Stromintentionalität) na Fenomenologia de Husserl	112
--	------------

Scheila Cristiane Thomé

Eliminação e descentralização da consciência nas origens do pensamento contemporâneo	151
---	------------

Carlos Diógenes Côrtes Tourinho

Husserl e a tradição fenomenológica	169
--	------------

Vanessa Furtado Fontana

Comentário à Preleção “Sobre a Fundamentação Psicológica da Lógica” [1900]	192
---	------------

Flávio Vieira Curvello

Filosofia como ciência em Husserl e Heidegger - Método, ciência e humanidade	219
Eder Soares Santos; Yuri José Victor Madalosso	
Indicação de “nosso ser-aí mais próprio”, tarefa de <i>ontologia: hermenêutica da facticidade</i>	241
Roberto Kahlmeyer-Mertens	
A dobra carnal do logos: Merleau-Ponty e o prodígio da linguagem	261
Claudinei Aparecido de Freitas da Silva	
Notas sobre a origem do debate acerca da expressão em Merleau-Ponty	283
Brenda Cardoso Soares	
Dilthey, historicidade e pluralidade	301
Celso Reni Braida	
Stuart Mill e o idealismo semântico de Hobbes e Locke	332
Lúcio Lourenço Prado	
Sobre a prova de que todo número natural tem um sucessor em <i>Die Grundlagen der Arithmetik</i>, §§82-3	348
Alessandro Bandeira Duarte	
Knowledge and Self-Knowledge: Externalism versus Internalism	386
Stefano Domingues Stival	
O desenvolvimento dos instrumentos e conceitos lógico-matemáticos do Primeiro Teorema da Incompletude de Kurt Gödel	394
Bismarck Bório de Medeiros	
O debate sobre asserção: uma apresentação introdutória	440
Daniel Ramos dos Santos	

Assédio moral em Martha Nussbaum à luz da concepção de dignidade neoaristotélica	470
---	-----

Charles Feldhaus; Daniela Hruschka Bahdu

Realismo conceitual e a leitura de Brandom da filosofia hegeliana	486
--	-----

Patrícia Riffel de Almeida

TRADUÇÕES

Sobre a Fundamentação Psicológica da Lógica. Um relato próprio e não publicado de Husserl sobre uma preleção por ele oferecida	504
---	-----

Edmund Husserl; Flávio Vieira Curvello (trad.)

FLUXO CONTÍNUO

O funderentismo de Susan Haack e o duplo aspecto dos julgamentos morais	508
--	-----

Mônica Franco

ENTREVISTAS

Apresentação das entrevistas aos Mestres Pedro Correia e Pedro de Lima	535
---	-----

Federico Sanguinetti (org.); Ranah Duarte; Mestre Pedro de Lima; Mestre Pedro Correia; Daniel Fernandes; Itaiara Iza Simplicio da Silva; Valdicley Euflasino da Silva; Raquel Cardozo da Silva

Entrevista ao Mestre Pedro Correia, congos de Calçola da Vila de Ponta Negra (Natal, RN)	543
---	-----

Federico Sanguinetti (org.); Ranah Duarte; Mestre Pedro de Lima; Mestre Pedro Correia; Daniel Fernandes; Itaiara Iza Simplicio da Silva

Entrevista ao Mestre Pedro de Lima, Bambelô Cajueiro Abalou de Pium (Nísia Floresta, RN)	577
---	-----

Federico Sanguinetti (org.); Ranah Duarte; Mestre Pedro de Lima; Mestre Pedro Correia; Daniel Fernandes; Itaiara Iza Simplicio da Silva;